

Mediunidade com Jesus



Para que estudar?

Estudar



ÁREA DE
Orientação Mediúnica

AOM



© 2015, UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA – DEPARTAMENTO DE ORIENTAÇÃO MEDIÚNICA.

Redação de texto: Departamento de Orientação Mediúnica

Editoração de texto: Departamento de Orientação Mediúnica

Ilustração da capa: Eliana Bedeschi

Projeto gráfico da capa: Tiago Belotte

Revisão final: Departamento de Orientação Mediúnica



UNIÃO ESPÍRITA MINEIRA

Sede Federativa:

Av. Olegário Maciel, 1627 - Lourdes

30.180-111 - Belo Horizonte - MG - Brasil

Tel.: (31) 3201-3261

uemmg@uemmg.org.br

www.uemmg.org.br

(Permitida a reprodução, desde que o texto não seja alterado)

União Espírita Mineira
Departamento de Orientação Mediúnica

MEDIUNIDADE COM JESUS

Para que estudar?

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	02
1. POR QUE ESTUDAR?.....	03
2. O QUE ESTUDAR?.....	02
3. QUANDO ESTUDAR?	21
4. ONDE ESTUDAR?.....	23
5. COMO ESTUDAR?.....	24
6. PARA QUE ESTUDAR?.....	27
7. CONCLUSÃO.....	29
MENSAGEM FINAL.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

União Espírita Mineira

Departamento de Orientação Mediúnica

MEDIUNIDADE COM JESUS

Para que estudar?

E, chamando a si os seus doze discípulos, deu-lhes autoridade sobre os Espíritos imundos, para expulsarem, e para curarem toda sorte de doenças e enfermidades. (Mateus – 10: 1)

... a questão mediúnica é fascinante. Em resposta, o benfeitor espiritual (Alexandre) disse: - De fato, para quem lhe examine os ascendentes morais. (*Missionários da luz* p. 11)

INTRODUÇÃO

Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. (*Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 133-138)

A mediunidade está presente em todos os povos desde os primeiros vagidos do pensamento humano. Sob a égide de Jesus, mensageiros diversos trouxeram ao longo dos tempos os ensinamentos para que este dom fosse adequadamente exercido, o que pode ser observado nas proibições de Moisés quanto ao abuso da prática mediúnica, nas instruções de Paulo de Tarso no cristianismo nascente e em tantos outros que os precederam. O próprio Senhor, ao reunir seus primeiros colaboradores, deu-lhes as instruções necessárias ao uso da mediunidade, conforme podemos ver no capítulo 10 do evangelho segundo São Mateus. Mais tarde, a Doutrina Espírita, como Cristianismo Redivivo, ampliou todas as instruções necessárias para a prática segura e correta da mediunidade.

Neste trabalho, pretendemos enfatizar a necessidade do estudo da mediunidade, nas obras da codificação kardequiana e em obras subsidiárias, de modo a

conscientizar os espíritas para o exercício da mediunidade com Jesus, sob a orientação de Kardec.

Para esse trabalho, que ora apresentamos, há de se supor que todos os que estão acompanhando nossa abordagem, já conhecem o processo mediúnico e suas especificidades, assim como a organização das reuniões mediúnicas, para que o foco do trabalho seja sobre **por que, o que, quando, onde, como, para que estudar a mediunidade.**

1. POR QUE ESTUDAR?

...o nosso pensamento cria a vida que procuramos, através do reflexo de nós mesmos, até que nos identifiquemos, um dia, no curso dos milênios, com a Sabedoria Infinita e com o Infinito Amor, que constituem o Pensamento e a Vida de nosso Pai. (Emmanuel)

No livro *Pensamento e vida*, (XAVIER, 2009, p. 97) Emmanuel define a Eterna Providência como o reservatório do Amor Infinito, em doação permanente. Esse reservatório solicita “canais de expressão” que distribuam o Amor Infinito, sendo eles mesmos providos com “matemática precisão”. Se a ação providencial é permanente e matematicamente precisa, é necessário avaliar a qualidade de sua canalização. A prescrição de Emmanuel, nesse sentido, é capacitar o “celeiro de nós mesmos”, a fim de que não haja impedimento do “eterno dar-se de nosso Pai”. Cada um, por sua vez, pode dar, de modo incessante, dos bens de que Ele nos enriquece, sendo *necessário, porém, que estejamos de atalaia no celeiro de nós mesmos* (Xavier, 2009, p.97)

Para que os canais de expressão do reservatório canalizem a ação providencial, Emmanuel prescreve a atitude de “estar de atalaia”. A expressão relaciona-se ao termo “atalaia” que, segundo esclarece o dicionário, significa: 1) vigia, guarda, sentinela; 2) ponto alto de onde se vigia; 3) torre de vigia. A expressão relaciona-se à ideia de observação, defesa, guarda, vigília. A atitude de “estar de atalaia” define, assim, uma postura de guarda e vigília, a partir de um ponto mais elevado que possibilite observar. Assumir tal posição diante do “celeiro de nós mesmos” corresponde a um modo de agir, cujo procedimento esteja constantemente guarnecido, e, ao mesmo tempo, seja observado e defendido, para que não haja impedimento da canalização do Amor Infinito, para que possamos dar “incessantemente dos bens que a Providência Divina nos enriquece”.

A recomendação de Emmanuel se direciona a todos os médiuns, ostensivos ou não. Afinal, os médiuns não constituem criaturas especiais, dotados de poderes sobrenaturais. Como todo Espírito, traz consigo a herança das experiências

desenvolvidas em sua trajetória de evolução. E, como não poderia ser diferente, conquistada a razão, surpreende em si mesmo todo um mundo de impulsos para educar e ajustar às leis superiores da vida. Há todo um trabalho de educação a se realizar no campo mental. “Estar de atalaia no celeiro de nós mesmos” corresponde, então, a assumir uma atitude de guarda, observação e vigília para refazer atitudes e recondicionar impulsos e, com efeito, canalizar espontaneamente os recursos oriundos da Providência Divina. Para tanto, é imprescindível operar “o conhece-te a ti mesmo”. Isso equivale a conhecer a constituição da mente humana. Emmanuel interpreta a mente como *o campo de nossa consciência desperta, na faixa em que o conhecimento adquirido nos permite operar* (XAVIER, 2009, p.09). É o espelho da vida em toda parte. Como espelho, o coração constitui-lhe a face e o cérebro, o centro de suas ondulações. Nesse espelho, continuamente, é gerada a força do pensamento, *que tudo move, criando e transformando, destruindo e refazendo para acrisolar e sublimar* (XAVIER, 2009, p.10). Como força, o pensamento se constitui com base em duas outras, magnetismo e eletricidade. Emmanuel, afirma que

pensamento, eletricidade e magnetismo conjugam-se em todas as manifestações da vida universal, criando gravitação e afinidade, assimilação e desassimilação nos campos múltiplos da forma que servem à romagem do espírito para as metas supremas, traçadas pelo Plano Divino. (XAVIER, 2009, p.10).

Assim sendo, Emmanuel nos esclarece que devemos “estar de atalaia” conosco, pois o pensamento cria a vida que procuramos, através do reflexo de nós mesmos. A influência recíproca vibra em todos os domínios do universo. Como? Podemos questionar! Para nosso auxílio, já temos ciência de que tudo se desloca e renova sob dois princípios, a saber: interdependência e repercussão (XAVIER, 2009, p.10)

“Interdependência” significa dependência recíproca, que termina por expressar o sentido de: 1) estar sujeito, pender; 2) ter conexão ou relação imediata, estar ligado; 3) estar sob o domínio, influência ou arbítrio; 4) fazer parte. Já “recíproca” implica troca, permuta, ou aquilo que se permuta entre duas pessoas ou dois grupos; o que é mútuo; 2) estado de correlação, de correspondência baseada em dar e receber em troca.

“Repercussão” significa 1) ato ou efeito de repercutir; 2) bom êxito que se caracteriza pela influência exercida, ou prestígio alcançado (seu livro teve repercussão aqui e no estrangeiro). O ato de repercutir significa: 1) reproduzir, refletir o som (As montanhas repercutem o som das cornetas); 2) fazer emitir ou ecoar o som de (os tambores repercutem as batidas do soldado); 3) desviar a direção de (a trave repercutiu a bola); 4) repetir-se, refletir-se o som, a luz (o espelho repercute a luz ou o estrondo repercutiu em todo o vale); 5) fazer sentir

indiretamente a sua ação ou influência (as providências tomadas não tardaram a repercutir).

Essas definições de “interdependência” e de “repercussão” nos ensejam entender a mecânica de nossa mente e, por conseguinte, a responsabilidade dos trabalhadores da seara espírita que militam na tarefa mediúnica. Como espelho, no qual se refletem as imagens ou a luz, a mente opera a repercussão, produzindo reflexos, incondicionados e condicionados. Além disso, tal mecanismo que implica troca, permuta, ou aquilo que se permuta entre duas pessoas ou dois grupos, possibilita-nos um estado de correlação, de correspondência baseada em dar e receber em troca. Ou seja, a mente opera por repercussão e, esta se processa por meio de interdependência. Nesse sentido, a colaboração de Emmanuel é esclarecedora quando, no livro *Pensamento e vida*, afirma *tudo se desloca e renova sob os princípios de interdependência e repercussão. O reflexo esboça a emotividade. A emotividade plasma a ideia. A ideia determina a atitude e a palavra que comandam as ações* (XAVIER, 2009, p.10). Vejamos uma situação corriqueira a partir da qual podemos visualizar o processo de interdependência e repercussão. No livro *Mecanismos da mediunidade* a situação é descrita por André Luiz, do seguinte modo:

No estudo da mediunidade de efeitos intelectuais, podemos invocar as ocorrências cotidianas para ilustrar a nossa conceituação de maneira simples.

Basta examinar o hábito, como cristalização do reflexo condicionado específico, para encontrá-la, a cada instante, nos próprios encarnados entre si.

Tomemos o homem moderno buscando o jornal da manhã, e vê-lo-emos procurando o setor do noticiário com que mais sintonize.

Se os negócios materiais lhe definem o campo de interesses imediatos, assimilará, automaticamente, todos os assuntos comerciais, emitindo oscilações condicionadas aos pregões e avisos divulgados.

Formará, então, largos raciocínios sobre o melhor modo de amealhar os lucros possíveis e, se o cometimento demanda a cooperação de alguém, buscá-lo-á, incontinenti, na pessoa de um parente ou afeiçoado que lhe partilhe as visões da vida.

O sócio potencial de aventura ouvir-lhe-á as alegações e, mecanicamente, absorver-lhe-á os pensamentos, passando a incorporá-los na onda que lhe seja própria, mentalizando os problemas e realizações previstas, em termos análogos.

Cada um de per si falará na ação em perspectiva, com impulsos e resoluções individuais, embora a ideia fundamental lhes seja comum.

Pelo reflexo condicionado específico, haurido através da imprensa, ambos produzirão raios mentais, subordinados ao tema em foco, comunicando-se intimamente um com o outro e partindo no encaicho do objetivo. (XAVIER, 1991, p. 129-130)

André Luiz descreve uma ocorrência cotidiana para ilustrar a manifestação dos efeitos intelectuais que decorrem da produção dos pensamentos em nossa mente. Vimos que, na definição do campo de interesses imediatos, agenciam-se nossos reflexos que esboçam nossa emotividade. Nossa emotividade plasma a ideia, que, por sua vez, determina a atitude e a palavra, que comandam a ação. De modo semelhante, não podendo ser diferente, opera a mediunidade de efeitos inteligentes. A conjugação de ondas manifesta-se para produzir todos os efeitos de nossa vida, alongando *os fios geradores das causas de que nascem as circunstâncias* (XAVIER, 2009, p.10). As circunstâncias, efeitos de nossas escolhas, podem ser válvulas obliterativas ou alavancas libertadoras da existência. O propósito da reencarnação implica a libertação. Também sabemos que ações fortuitas não promovem a nossa libertação, pois *ninguém pode ultrapassar de improviso os recursos da própria mente, muito além do círculo de trabalho em que estagia; contudo, assinalamos, todos nós, os reflexos uns dos outros, dentro da nossa relativa capacidade de assimilação*, como nos esclarece o livro *Pensamento e vida* (XAVIER, 2009, p.10). Tendo em vista *a relativa capacidade de assimilação, que opera por meio de interdependência e repercussão,*

respiramos no mundo das imagens que projetamos e recebemos. Por elas, estaciona-mos sob a fascinação dos elementos que provisoriamente nos escravizam e, através delas, incorporamos o influxo renovador dos poderes que nos induzem à purificação e ao progresso. (XAVIER, 2009, p.11)

No livro *Pensamento e vida*, Emmanuel afirma que a mente nos possibilita, de acordo com o nosso livre arbítrio, estacionar sob o fascínio de elementos escravizadores ou incorporar ideias que nos induzem ao progresso. Para tanto, Allan Kardec recomenda “amai-vos e instruí-vos”. Amar e instruir constituem as

duas rotas inevitáveis para que o Espírito promova a sua ascensão. Essa diretriz se aplica a todos nós em processo de aprendizagem na Terra, o que não poderia deixar de aplicar a todos que militam na seara da prática mediúnica: médiuns ostensivos, médiuns de sustentação, dirigentes. Sendo assim, não podemos deixar de divisar que ninguém vive fora da permuta incessante, com base em dois princípios, interdependência e repercussão. O cerne da questão, como desafio para todos nós, Espíritos em evolução, consiste no esforço para se manter a boa vontade, o estudo e a persistência como uma eleição contínua e sistemática no dia-a-dia, para a realizar a incorporação das ideias que nos induzem ao progresso cujas rotas são amor e instrução, como preconiza Allan Kardec.

Sem amor e instrução, o processo de interdependência e repercussão se fecha em cristalizações produzidas pela mente há séculos e séculos. Nós nos fechamos em experiências, infinitamente repetidas, que, por força da lei de causa e efeito, não nos possibilita alargar-nos o poder da mente e sublimar-nos as manifestações da alma, tendo em vista a proposta do Evangelho. Isto se explica em função de que ninguém ultrapassa, por meio de improvisos, a assimilação de ideias para além do círculo de trabalho no qual estagia, pois o reflexo mora no alicerce da vida.

No trabalho de assimilar as ideias dos vanguardeiros do progresso, que tutelam a evolução do orbe, é preciso “estar de atalaia”, para vigiar se o reflexo de nós mesmos se manifesta de modo contrário à proposta de elevação. Vejamos uma situação conhecida por todos aqueles afeiçoados ao exame dos relatos dos evangelistas. Quando Jesus interroga Pedro, dizendo “e vós, quem dizeis que eu sou?” o discípulo, num primeiro momento, responde “tu és o Filho do Deus vivo”. Jesus, por sua vez, certifica, na resposta, o grau de ascendência da percepção do discípulo, dizendo a ele: “Bem-aventurado és tu Simão Barjonas, por que to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus” (Mt. 16:16-17). Notemos que o espelho da mente foi capaz de alcançar uma faixa de entendimento cuja revelação transcende o patamar das ideias meramente concernente à moda moral da época, já que não foi “a carne e o sangue” que “revelaram a identificação do Filho do Deus vivo”. É necessário esclarecer que “carne e sangue” significam a faixa de vivência dos impulsos inferiores, no qual os conflitos da posse geram tormenta para o coração, por tempo indeterminado, com o mesmo calor da vida selvagem, conforme nos esclarece o capítulo “Segundo a carne”, do livro *Pão Nosso* (XAVIER, 2005, p.169-170). Nesse caso, a revelação se vincula ao entendimento das prerrogativas que pertencem ao plano do Pai, que está nos céus, cujas leis nos prestigiam o bem praticado, o que, segundo Jesus, consiste em uma condição de bem-aventurado.

Não podemos deixar de avaliar que o mesmo discípulo, em outra passagem, revela uma compreensão impregnada de sua experiência humana. Jesus começa a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, padecer muitas coisas dos anciãos, principais dos sacerdotes, escribas; também ser morto e ressuscitar

ao terceiro dia. *E Pedro, tomando-o de parte, começou a repreendê-lo, dizendo: Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso* (Mt. 16:21-23). Jesus, por sua vez, responde, induzindo-o a avaliar o acanhado entendimento que serve de escândalo, por não compreender as coisas que são de Deus, mas somente aquelas que são dos homens. A figura do discípulo é uma expressão do nosso campo mental. Temos ciência da proposta do Cristo, somos motivados a seguir-Lhe, mas, ao sermos convocados à verificação do ajuste à dinâmica das leis divinas e ao refazimento de atitudes, nossa mente revela a insipiência no desempenho das aferições, impulsionando-nos a responder “segundo a carne”.

Já que somos Espíritos em processo de aprendizagem, tal como Pedro na passagem evangélica, Emmanuel recomenda o *dever de estudar* sempre, escolhendo o melhor para que as nossas ideias e exemplos reflitam, ou seja, revelem as ideias e os exemplos dos paladinos da luz (XAVIER, 2009, p. 24). A fim de propiciarmos, no campo da mente, a repercussão das ideias superiores, é necessário mobilizar recursos que possam levar à prática do estudo. Em se tratando do exercício mediúnico, vamos, nessa direção, delimitar o quê, quando, onde, como e para que estudar, para empreendermos o esforço de fazer com que, em nosso campo mental, possam repercutir as ideias e exemplos expressos no Evangelho, o que corresponde ao exercício da mediunidade com Jesus.

2. O QUE ESTUDAR?

Ora, a respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes.

Paulo - I Coríntios 12:1

Como vimos antes, a nossa mente, espelho da alma, é um campo de repercussão, correndo-nos o dever de estudar para propiciar a reflexão das ideias e dos exemplos que nos facultem a incorporação de valores que nos ajuste à dinâmica das leis naturais. Sendo assim, o que devemos estudar, ou seja, qual o teor das informações nos ensinará a indução de nossa mente no propósito de assimilar o Evangelho? Podemos, nesse sentido, lembrar a orientação do Codificador. Na introdução de *O livro dos médiuns*, ele recomendou àqueles que desejassem tratar seriamente da matéria que lessem *O livro dos Espíritos, porque contém princípios básicos, sem os quais algumas partes deste se tornariam talvez dificilmente compreensíveis*.

Em artigo publicado no jornal *O Espírita Mineiro*, de março/abril de 2009, Hermínio Miranda narra um caso relatado por Divaldo Franco. Nos primeiros anos de

convivência com Joana de Angelis, recomendou-lhe a mentora que lesse *O livro dos Espíritos*. Realizou, com seriedade, leitura atenta desde a “Introdução” e os “Prolegômenos” até o trecho da mensagem de Santo Agostinho, com a qual Kardec encerra suas “Conclusões”. Ao terminar, voltou Divaldo a indagar sobre o que ler. A mentora responde: *O livro dos Espíritos*. Depois de efetivar a tarefa, ele recorre a ela para saber como dar continuidade às suas leituras. Ela, por sua vez, orienta-o para estudar a obra, por tratar-se de fonte consistente de ensinamentos, a qual necessita de estudo sério para que possa ser assimilado.

No caso do estudo da mediunidade, a fonte mais segura que temos são as obras da Codificação, acrescidas dos estudos complementares de *Obras Póstumas* e a *Revista Espírita* (Janeiro de 1858 a março de 1869). Dispomos também das obras subsidiárias, fidedignas, de alto valor, como os livros de psicografia de Chico Xavier, Divaldo Franco, Raul Teixeira, Yvonne Pereira, e ainda autores como Hermínio Miranda, Ernesto Bozzano, Leon Denis, Herculano Pires, Suely Schubert, Jorge Andrea, e outros de comprovada experiência no campo da mediunidade.

2.1 O estudo nas diversas atividades doutrinárias

O estudo da Doutrina Espírita, em particular sobre a mediunidade, e a aplicação das lições de Jesus em nossa vida nos propiciam a educação de nossos sentimentos e de nossas ondas mentais. Auxiliam-nos na prática da mediunidade de forma segura, para que possamos manter os objetivos das reuniões mediúnicas espíritas dentro do preconizado pela obra kardequiana.

Vejamos as recomendações dos instrutores espirituais sobre a necessidade do estudo nas diversas atividades espíritas:

- ESTUDO E ATIVIDADES DOUTRINÁRIAS

Digerir primeiramente as obras fundamentais do Espiritismo, para entrar em seguida nos setores práticos, em particular no que diga respeito à mediunidade. Teoria meditada, ação segura.

(*Conduta Espírita*, capítulo 41 p.137)

- ESTUDO E FÉ

Falsíssima ideia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais. [...] Sua força está na filosofia, no apelo que dirige à razão e ao bom senso [...]. Não reclama crença cega; quer que o homem saiba por que crê.

(O livro dos Espíritos Conclusão – VI. p.544)

A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta ver, é preciso, sobretudo, *compreender*. A fé cega já não é deste século. (O evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XIX. p.316)

- ESTUDO E MEDIUNIDADE

[...] Todos os dias a experiência nos traz a confirmação de que as dificuldades e os desenganos, com que muitos topam na prática do Espiritismo, se originam da ignorância dos princípios desta ciência e felizes nos sentimos de haver podido comprovar que o nosso trabalho, feito com o objetivo de precaver os adeptos contra os escolhos de um noviciado, produziu frutos e que a leitura desta obra devem muitos o terem logrado evitá-los.” (Introdução de *O livro dos médiuns* p. 13)

No capítulo II – “Do maravilhoso e sobrenatural” – item 14, parágrafo 7º, parte 1ª de *O livro dos médiuns*, acrescenta o Codificador: *a explicação dos fatos que o Espiritismo admite, de suas causas e consequências morais, forma toda uma ciência e toda uma filosofia, que reclamam estudo sério, perseverante e aprofundado.*

Mais adiante, no capítulo III – “Do método” – de *O livro dos médiuns*, extraímos:

Ainda aí o que há é o resultado de incompleto estudo do Espiritismo e de falta de experiência. Aquele a quem os Espíritos mistificam, geralmente é mistificado por lhes perguntar o que eles não devem ou não podem dizer, **ou porque não se acha bastante instruído sobre o assunto, para distinguir da impostura a verdade.** (grifos nossos) (KARDEC, 2005, p.44)

Conclui-se, portanto, que o estudo da mediunidade nos auxilia para alcançarmos os reais objetivos da reunião mediúnica séria, que é aquela que *não comporta improvisações por parte do dirigente e dos demais membros da equipe dos encarnados, por se tratar de atividade de atendimento e assistência espiritual, previamente programada e organizada pelos Benfeitores Espirituais*, conforme a orientação que consta na apostila *Organização e funcionamento das reuniões mediúnicas espíritas* (FEB, 2008).

2.2 - Preparação feita no plano espiritual

Na obra *Os mensageiros*, somos alertados a respeito da preparação que os médiuns realizam, no plano espiritual, para o exercício da Mediunidade por ocasião da reencarnação. Mesmo assim, há a constatação da falência nos propósitos quando eles abdicam dos compromissos assumidos. Numerosos companheiros são preparados para a difusão de esperanças e consolos e instruções, nos diversos setores da evolução. Médiuns e doutrinadores, tarefeiros de conforto espiritual, antes de partirem para a Terra, são habilitados no Centro de Mensageiros. Isso sucede, pois os benfeitores espirituais precisam de altruísmo e renúncia, para intensificarem a redenção humana, sendo escassos os servidores que toleram dificuldades e reveses nas linhas de frente. (XAVIER, 1988, p.16)

Para que se cumpra o programa da Espiritualidade, nós lidadores nos serviços da mediunidade necessitamos estudar para efetivar o aprimoramento moral. Segundo Martins Peralva, na obra *Mediunidade e evolução: o aprimoramento moral* contribui para que, na condição de médiuns, de receptores da Espiritualidade, afinizemos com princípios elevados. Ele ainda nos lembra que: *o estudo e a fixação do ensino espírita colocam-nos em condições de mais amplo discernimento da vida, dos homens e dos Espíritos. A Doutrina Espírita possibilita a defesa do médium. Resguarda-o contra processos obsessivos.* (PERALVA, 1987, p.34)

Emmanuel, no capítulo “Mediunidade e trabalho”, da obra *Seara dos Médiuns*, nos alerta que:

Diante das obrigações naturais que a Mediunidade impõe em sua prática, muitos companheiros trazem à baila desculpas diversas que lhes justifiquem a fuga, embora vivo interesse na aquisição dos poderes psíquicos.

Afirmam que a tarefa exige muito trabalho; entretanto, ninguém consegue cultivar viçoso canteiro de couves sem dispensar-lhe assistência contínua...

[...] Não admitas possa haver construção útil sem estudo e atividade, atenção e suor.

[...] Deus dá a semente, mas, para que a semente produza, não prescinde do esforço de nossas mãos... (XAVIER, 1983, p.229 - 230)

2.3 - Responsabilidades dos médiuns nas comunicações

Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil. (*I Coríntios 12: 4 a 7*)

São grandes as responsabilidades dos médiuns nas comunicações espíritas. O entendimento da forma como se dá a comunicação poderá auxiliar-nos a compreender esses encargos morais, pois há muitos obstáculos para que elas ocorram de forma clara, objetiva, limpa e segura.

Segundo Joanna de Angelis, no livro *Intercâmbio mediúnico* :

O intercâmbio mediúnico de forma consciente, conforme as seguras diretrizes da Doutrina Espírita, é capítulo dos mais belos da vida, preparando os homens para que possam manter com equilíbrio e ampliar as incursões entre o plano físico e o espiritual. Efeito do estudo cuidadoso do Espiritismo, o intercâmbio mediúnico salutar, é estímulo e convite ao aprimoramento interior de quem se candidata à edificação de um futuro mundo melhor caracterizado por uma sociedade mais feliz. (FRANCO, 1985, p. 9)

2.4- O processo das comunicações



Hermínio Miranda, no livro *Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos*, no capítulo I, nos ensina que, em qualquer mecanismo de comunicação, sempre encontramos quatro elementos:

1º - a ideia original, isto é, aquilo que se quer comunicar (tornar comum) e que se origina no pensamento, não em formas de letras ou frases, mas a ideia, o pensamento que será vestido de um dos modos formais de expressão – linguagem falada, escrita, escultura, gesto etc.

2º - a expressão formal deste pensamento através de símbolos conhecidos ou gestos que codificam a ideia de forma a ser transmitida;

3º - a recepção da ideia original devidamente codificada, pelo receptor e devidamente decodificada pelo seu pensamento para estabelecer o entendimento do que foi transmitido;

4º - a reação – ou seja, o retorno do entendimento pelo mesmo processo estabelecendo-se o diálogo a fim de verificar o entendimento da ideia original.

No caso da comunicação mediúnica, a ideia original é do Espírito comunicante; o codificador/transmissor será o médium; o receptor é a pessoa a quem se destina a comunicação. A comunicação mediúnica é a resultante de um entendimento entre a mente do Espírito manifestante e a do médium, e deste para o destinatário. O ponto delicado reside na conversão do pensamento alheio em linguagem articulada (MIRANDA, 1975, p.11-18)

Sobre a linguagem dos Espíritos, extraímos da introdução, item XIV, de *O livro dos Espíritos*, as seguintes instruções:

Para os Espíritos, principalmente para os Espíritos superiores, a ideia é tudo, a forma nada vale. Livres da matéria, **a linguagem de que usam entre si é rápida como o pensamento, porquanto são os próprios pensamentos que se comunicam sem intermediário.** Muito pouco à vontade hão de eles se sentirem, quando obrigados, para se comunicarem conosco, a utilizarem-se das formas longas e embaraçosas da linguagem humana e a lutarem com a insuficiência e a imperfeição dessa linguagem, para exprimirem todas as idéias. (grifos nossos) (KARDEC, 2005, p.50)

2.5 - Influência do médium nas comunicações

Assim, toda árvore boa produz bons frutos; porém a árvore má produz frutos maus. (Mateus, 7:17)

No gráfico da comunicação, apresentado na seção 2.4, podemos observar que a ideia original, isto é, o pensamento do Espírito comunicante, é codificada pelo médium para uma das expressões formais do pensamento. Então, se conclui que sempre haverá a influência do médium nas comunicações.

Vale a pena lembrar Martins Peralva. Ele nos aponta informações dos autores clássicos do Espiritismo, sob a inspiração do Mais Alto, particularmente Léon Denis, a respeito do mecanismo das comunicações:

Para que um Espírito se comunique, é mister se estabeleça a sintonia da mente encarnada com a desencarnada. Essa realidade é pacífica. É necessário que ambos passem a emitir vibrações equivalentes; que o teor das circunvoluções seja idêntico; que o pensamento e a vontade de ambos se graduem na mesma faixa. Esse o mecanismo das comunicações espíritas, mecanismo básico que se desdobra, todavia, em nuances infinitas, de acordo com o tipo de mediunidade, estado psíquico

dos agentes – ativo e passivo -, valores espirituais, etc... Sintonizado o comunicante com o medianeiro, o pensamento do primeiro se exterioriza através do campo físico do segundo, em forma de mensagem grafada ou audível. Quanto mais evoluído o ser, mais acelerado o estado vibratório. Assim sendo, em face das constantes modificações vibratórias, verificar-se-á sempre, em todos os comunicados, o imperativo da redução ou aumento das vibrações para que eles se dêem com maior fidelidade. **Por isso o médium descuidado, ante o problema da própria renovação interior, é sempre um instrumento que dificulta o intercâmbio.** (grifos nossos) (PERALVA, 2004, p. 57)

No capítulo VII da obra *Mediunidade e evolução*, Martins Peralva também assinala que

o conhecimento doutrinário beneficia aqueles que, em sessões mediúnicas, operam no intercâmbio, assim como aqueles que, sem se aperceberem, transmitem na conversação inspirações da Esfera Espiritual. Estudar sempre dá segurança à caminhada. (PERALVA, 1987, p. 34)

É ainda Martins Peralva que, nos lembra, na mesma obra no capítulo 2:

Mediunismo sem Evangelho é fenômeno sem amor, dizem os amigos espirituais [...], sem Doutrina Espírita é fenômeno sem esclarecimento [...], com Espiritismo, mas sem Evangelho, é realização incompleta [...]. Com Evangelho e sem Espiritismo é, também, realização incompleta.[...] Com Evangelho e Espiritismo é penhor de vitória espiritual, de valorização dos talentos divinos. (PERALVA, 1987 p. 17)

Allan Kardec tratou da influência dos médiuns nas comunicações em dois capítulos de *O livro dos médiuns*: o capítulo XIX – Do papel dos médiuns nas comunicações espíritas e o capítulo XX – Da Influência moral do médium.

Extraímos para o nosso trabalho alguns trechos, abordados nos subtítulos seguintes: influência intelectual e influência moral.

2.5.1 -Influência intelectual

O Espírito, que se comunica por um médium, transmite diretamente o seu pensamento, ou este tem por intermediário o Espírito do médium?

O Espírito do médium é o interprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar, e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam.

O Espírito do médium exerce alguma influência nas comunicações que deva transmitir, provindas de outros Espíritos?

Exerce, porquanto se estes não lhe são simpáticos pode ele até alterar-lhes as respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e a seus pendores; não influencia, porém, os próprios Espíritos, autores das respostas; constitui-se apenas um mau intérprete.

Esta análise do papel dos médiuns e dos processos pelos quais os Espíritos se comunicam é tão clara quanto lógica. Dela decorre, como princípio, que o Espírito haure, **não as suas ideias, porém, os materiais de que necessita para exprimi-las, no cérebro do médium e que, quanto mais rico em materiais for esse cérebro, tanto mais fácil será a comunicação.** Nota de Allan Kardec. (grifos nossos)

(O livro dos médiuns, cap. XX, item 223, p.270)

2.5.2-Influência moral

1ª O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?

"Não; a faculdade propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium."

7ª Por que permitem os Espíritos superiores que pessoas dotadas de grande poder, como médiuns, e que muito de bom poderiam fazer, sejam instrumentos do erro?

"Os Espíritos de que falas procuram influenciá-las; mas, quando essas pessoas consentem em ser arrastadas para mau caminho, eles as deixam ir. Daí o servirem-se delas com repugnância, visto que *a verdade não pode ser interpretada pela mentira*".

(O livro dos médiuns cap. XX, item 226 p. 283 e 285)

[...] Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. [...] Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos

Espíritos que por ele se comunicam,
(O livro dos médiuns cap. XX, item 227, p.287)

Portanto, quanto maior a instrução e maior desenvolvimento do senso moral, haverá mais facilidade e fidelidade no processo de comunicação espírita. A figura a seguir ilustra essa influência:



Podemos, então, sintetizar que o estudo da mediunidade visa:

- *oferecer condições para o exercício da mediunidade, de forma saudável e segura, em perfeita harmonia com a Codificação Espírita e com as obras espíritas suplementares de inquestionável valor doutrinário.* (FEB, 2008 p.10)
- *viabilizar condições que assegurem segurança e seriedade da manifestação de Espíritos nas reuniões mediúnicas privadas, usuais na Casa Espírita.* (FEB, 2008, p.10)
- *contribuir para o desenvolvimento da ciência espírita através de estudos edificantes relacionados à mediunidade, em geral, e ao processo de intercâmbio mediúnico em particular.* (FEB, 2008, p.10)
- *promover a capacitação continuada dos encarnados integrantes da equipe* (FEB, 2008, p.10)
- *propiciar condições para que os bons Espíritos assintam em vir. Ora, às assembleias de homens levianos e superficiais Espíritos superiores não virão, como não viriam quando vivos.* (KARDEC, 2005, p.423)

- oferecer condições para mais clareza da comunicação mediúnica, com melhor capacidade de “vestir” o pensamento dos Espíritos (KARDEC, 2005)
- *pesar e meditar, (...) submeter ao cadinho da razão mais severa todas as comunicações que receberdes, (...) desde que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro.* (KARDEC, 2005, p.323 e 333)
- precaver os adeptos contra os escolhos de um noviciado, conforme orienta *O livro dos Espíritos* (KARDEC, 2005, p.13)

2.6-Escolhos da Mediunidade

Ante os escarnecedores de todos os tempos, eduquemos a mediunidade na Doutrina Espírita, porque só a Doutrina Espírita é luz bastante forte, em nome do Senhor, para clarear a razão, quando a mente se transvia, desgovernada, sob o fascínio das trevas. (XAVIER, 1983, p. 59-61)

Sobre os escolhos da mediunidade, vamos resumir alguns pontos trazidos à baila no capítulo 13, do livro *Mediunidade e evolução* (PERALVA, 1987, p. 51-58) Vejamos:

- problema moral sob ponto de vista técnico a mediunidade independe do fator moral. Sob o ponto de vista dos frutos é de profunda importância pela sintonia com os Bons Espíritos.
- esgotamento físico-moral debilita as energias e tornamo-nos vítimas de Espíritos maldosos;
- evocações porta aberta para entidades desocupadas;
- interrogatórios o lema é SERVIR, abstenção da curiosidade negativa;
- inutilidades quem se preocupa com assuntos banais não deve esperar bons companheiros;
- desarmonia vibrações antagônicas desfavorecem o trabalho mediúnico;
- gratuidade “daí de graça o que de graça recebestes”, a fim de que espíritos inferiorizados não nos desorientem a mente;
- trabalho isolado tarefa em residência: perigo para os moradores;

- animismo é preciso caridade evangélica com o companheiro que se arroja ao passado;
- mistificação mentes invigilantes cooperam em ocorrências de engodo;
- endeusamento dos médiuns pode levá-lo a vaidade, presunção e orgulho;
- falta de estudo e trabalho o médium não se renova, faltando-lhe a sintonia com os Espíritos superiores;
- educação mediúnica amparar a faculdade que surge pelo estudo, trabalho, oração e prática do Bem.

Allan Kardec muito se preocupou com a formação do medianeiro, haja vista a importância de ter dedicado ao tema um capítulo inteiro de *O livro dos médiuns*, no capítulo XVII – Da Formação dos Médiuns. Reproduzimos parte do item 211, para a nossa reflexão sobre a importância do estudo prévio da teoria. Segundo Kardec:

A primeira condição é colocar-se o médium, com fé sincera, sob a proteção de Deus e solicitar a assistência do seu anjo de guarda, que é sempre bom, ao passo que os Espíritos familiares, por simpatizarem com as suas boas ou más qualidades, podem ser levianos ou mesmo maus.

A segunda condição é aplicar-se, com meticoloso cuidado, a reconhecer, por todos os indícios que a experiência faculta, de que natureza são os primeiros Espíritos que se comunicam e dos quais manda a prudência sempre se desconfie [...]. **Por isso é que indispensável se faz o estudo prévio da teoria, para todo aquele que queira evitar os inconvenientes peculiares à experiência.** (grifos nossos) (KARDEC, 2005, P.254)

O instrutor Albério, conforme relato de André Luiz na obra *Nos Domínios da Mediunidade*, no capítulo 1, nos diz que:

Saibamos, assim, cultivar a educação, aprimorando-nos cada dia.

Médiuns somos todos nós, nas linhas de atividade em que nos situamos.

A força psíquica, nesse ou naquele teor de expressão, é peculiar a todos os seres, mas não existe aperfeiçoamento mediúnico sem acrisolamento da individualidade.

É contraproducente intensificar a movimentação da energia sem disciplinar-lhe os impulsos.

É perigoso possuir sem saber usar.

[...] Elevemos nosso padrão de conhecimento pelo estudo bem conduzido e apuremos a qualidade de nossa emoção pelo exercício constante das virtudes superiores, se nos propomos recolher a mensagem das Grandes Almas.

Mediunidade não basta só por si.

É imprescindível saber que tipo de onda mental assimilamos para conhecer da qualidade de nosso trabalho e ajuizar de nossa direção. (grifos nossos) (XAVIER, 1985, p.19)

2.7 - Médiuns Iniciantes

André Luiz e Emmanuel na obra *Estude e Viva*, no capítulo 37, mencionam o cuidado que devemos ter com os médiuns iniciantes, quando dizem:

No intercâmbio espiritual, encontramos vasto grupo de companheiros, carecedores de especial atenção – os médiuns iniciantes. [...] Ajudemos os médiuns iniciantes a perceber que na mediunidade, como em qualquer outra atividade terrestre, não há conhecimento real onde o tempo não consagra a aprendizagem, e que todos os encargos são nobres onde a luz da caridade preside as realizações. [...] Para esse fim, conduzamo-los a se esclarecerem nos princípios salutares e libertadores da Doutrina Espírita. (XAVIER, 1965, p.159)

Assim sendo, em se verificando o afloramento da mediunidade, o médium deve iniciar sua formação doutrinária básica em estudos sistematizados sobre a Doutrina Espírita em geral e sobre a mediunidade em particular, à luz do Evangelho de Jesus.

Emmanuel, respondendo às questões 364 e 387 no livro *O consolador*, esclarece-nos:

É indispensável a cada um o esforço próprio no estudo, meditação, cultivo e aplicação da Doutrina, em toda a intimidade de sua vida.

A frequência às sessões ou o fato de presenciar esse ou aquele fenômeno, aceitando-lhe a veracidade, não traduz aquisição de conhecimentos.

Um guia espiritual pode ser um bom amigo, mas nunca poderá desempenhar os vossos deveres próprios, nem vos arrancar das provas e das experiências imprescindíveis à vossa iluminação.

Daí surge a necessidade de vos preparardes individualmente na Doutrina, para viverdes tais experiências com dignidade espiritual, no instante oportuno.

A primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois, de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão. (XAVIER, 1982, p.205 e 215)

No livro *Intercâmbio mediúnico*, capítulo “Aos médiuns principiantes”, João Cléofas afirma:

para lograr a harmonia, o estudo sistemático da Doutrina Espírita e o exercício do bem, conforme as leis morais que regem a vida, tornam-se de alta valia.

O estudo oferece o conhecimento das leis que estabelecem a ordem e a harmonia, ao mesmo tempo elucida quanto ao mecanismo de que se constituem as relações entre os encarnados e os desencarnados.

O exercício do bem favorece a educação dos sentimentos, desenvolvendo as faculdades morais que, por sua vez, permitem mais valioso intercâmbio, caracterizando-o pela qualidade superior do seu conteúdo. (FRANCO, 1985, p. 23)

2.8- Médiuns em exercício

Vejamos, então, o médium que já está no exercício ou prática da mediunidade. Este não deve abandonar a sua capacitação constante assim como o estudo sistematizado, a prece, a vigilância e o trabalho no bem, com pena de ser alvo das forças inferiores.

Em *O livro dos médiuns*, capítulo XX, item 226, 3ª questão, temos o seguinte esclarecimento:

P: Os médiuns, que fazem mau uso de suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as consequências dessa falta?

R: Se delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio de mais se esclarecerem e o não aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso... (KARDEC, 2005, P.284)

Emmanuel ainda nos orienta em *Seara dos médiuns*, ao assinalar:

Não há desenvolvimento mediúnico, para realizações sólidas sem o aprimoramento da individualidade mediúnica. No caso da terra, o lavrador será mordomo vigilante. No caso da Mediunidade, o médium será o zelador incansável de si mesmo. E médium algum se esqueça de que é a terra boa abandonada que a praga e a serpente, o espinheiro e a tiririca proliferam mais e melhor. (XAVIER, 1983, p.132)

E ainda no capítulo “Discernimento”, na mesma obra, Emmanuel estabelece:

Tarefa mediúnica sustentada através do tempo não brota da personalidade. Exige burilamento, disciplina, renúncia e suor. A educação confere discernimento. E o discernimento é luz que nos ensina a fazer todo o bem que precisamos fazer. (XAVIER, 1983, p. 174)

Podemos entender que estudar é para os médiuns, alimento constante para a alma uma vez que não somos espíritos perfeitos. Portanto, ao espírita de um modo geral, a necessidade do estudo é necessário, mas aos lidadores da mediunidade é imprescindível. Allan Kardec afirma, na introdução de *O livro dos Espíritos*, item XVII:

A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por **um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento**. (grifos acrescentados) (KARDEC, 2005, p.58)

Desse modo, é no estudo perseverante, no recolhimento, nas meditações, no trabalho no bem, na auto-educação dos sentimentos, no aprimoramento intelectual, no esforço de domar as más tendências, que o médium deve se manter, buscando sintonizar-se dentro da trilogia - EVANGELHO - ESPIRITISMO - MEDIUNIDADE.

3. QUANDO ESTUDAR?

... nossas relações com a Divindade devem ser as mais simples possíveis. Quanto a mim, considero que cada dia é uma oportunidade renovada para o labor de nossa redenção.
(XAVIER, 1999, p.193-194)

Para desempenharmos a tarefa da mediunidade, a qual não pode desvincular-se da vivência das leis divinas, não é possível deixar de estudar. Allan Kardec preconiza duas condições para o médium. A primeira é a fé sincera. A segunda é o conhecimento prévio da teoria, a fim de termos metuculoso cuidado no trato com os Espíritos. A questão é saber em que momento, ou seja, quando, realizaremos nossos estudos, para apresentar tais condições. No livro *O consolador*, questão 392, Emmanuel nos estabelece que *o médium tem obrigação de estudar muito, observar intensamente e trabalhar em todos os instantes pela sua própria iluminação* (XAVIER, 1982, p.218). Ou seja, a dedicação ao estudo da Doutrina Espírita faz-se como um hábito diário, ainda que possamos frequentar esta ou aquela reunião, participar deste ou daquele grupo de estudo, ou mesmo de seminários e congressos.

O hábito cotidiano do estudo pode ser analisado com base em exemplos trazidos pela literatura espírita. Vejamos um trecho narrado no livro *Paulo e Estevão*:

Naquela mesma tarde, cessada a tarefa, o casal acomodou-se ao pé de frondosa palmeira, não sem lançar ao novo companheiro olhares indagadores, que tradu-ziam indisfarçável inquietude. Silenciosos, desenrolaram uns velhos pergaminhos e começaram a ler com muita atenção. (...) A esse tempo, Prisca debruçava-se sobre a primeira parte do rolo de pergaminhos, absorvida na leitura. (XAVIER, 1983, p. 248)

Ao encerrarem as atividades à tarde, os três companheiros, Paulo, Prisca e Áquila, passavam a se dedicar, com muita atenção, à leitura de uns velhos pergaminhos, deixando-se “absorver na leitura”.

Podemos observar o hábito diário do estudo, por meio do relato de Padre Damiano, no livro *Renúncia*. De acordo com o seu ponto de vista, a vigília da manhã e o louvor da noite são momentos para procurar a inspiração do Evangelho ou dos livros. Vejamos:

nossas relações com a Divindade devem ser as mais simples possíveis. Quanto a mim, considero que cada dia é uma oportunidade renovada para o labor de nossa redenção. Resumo as minhas preces à vigília da manhã, na qual

procuro a inspiração do Evangelho ou dos livros que nos suscitam desejos de perfeita união com o Cristo, e ao louvor da noite, quando busco examinar os ensejos de serviço ou testemunhos que o Senhor me facultou. (XAVIER, 1999, p.193-194)

Sendo assim, podemos deduzir que a análise e a ponderação devem constituir-se hábitos diários de estudo. Para nos aprimoramos cada dia, é necessário cultivarmos a educação, com base no exame diário das leis divinas, aplicando-nos à tarefa, na vigília da manhã e no louvor da noite, conforme instruções de Padre Damiano.

Caso seja nosso interesse elevar o padrão de conhecimento pelo estudo bem conduzido e apurar a qualidade de nossa emoção, é preciso, cada dia, o esforço e a persistência do exercício constante das virtudes superiores. Para recolhermos os benefícios que advém da mediunidade na companhia de Jesus, faz-se imprescindível a constância na manutenção do hábito do estudo.

4. ONDE ESTUDAR?

Deveis é reestudar atentamente, metodicamente, o que há sido concedido com a Revelação Espírita, elevando-vos, quanto possível, ao nível de sinceros intérpretes do Mundo Invisível, propagando os segredos que fordes desvendando, **explicando-os do alto das tribunas, através da imprensa, em ‘mesas redondas’ ou em reuniões públicas ou particulares...** (grifos nossos) (PEREIRA, 2001, p.278)

O capítulo 10 do Evangelho segundo São Mateus traz uma importante lição a todos os que queremos aprender sobre mediunidade. Jesus, tendo chamado os doze discípulos, iniciou por dar-lhes as instruções necessárias ao seu apostolado. Não os enviou sem dar-lhes as condições de trabalhar de modo seguro. Sempre lhes explicava, de modo especial, suas instruções, seus ensinamentos mais profundos. Homens simples se reuniam para auferir do Mestre as lições necessárias para o trabalho e para a vida. Poderíamos dizer que ali iniciavam os grupos de estudos, baseados no conhecimento com amor. Hoje reuniões dessa ordem se disseminam em muitos lugares. Vejamos alguns.

Assim como a escola é o local habilitado e capacitado para oferecer o ensino sistematizado dos conteúdos curriculares em geral, os Centros Espíritas são os locais mais adequados para se estudar a Doutrina Espírita de forma sistematizada. Eles se constituem como núcleos de estudo e formação espiritual

e moral que trabalham à luz da Doutrina.

Os grupos de estudos nos Centros Espíritas são de grande utilidade para o nosso aprendizado, como nos assevera Kardec em vários trechos de *O livro dos médiuns*, no capítulo XXIX, item 329, dos quais selecionamos o que se segue:

As reuniões de estudo são, além disso, de imensa utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, para aqueles, sobretudo, que seriamente desejam aperfeiçoar-se e que a elas não comparecerem dominados por tola presunção de infalibilidade.

Temos dito que um médium pode carecer dos conhecimentos necessários para perceber os erros; que pode deixar-se iludir por palavras retumbantes e por uma linguagem pretensiosa, ser seduzido por sofismas, tudo na maior boa-fé. Por isso é que, em falta de luzes próprias, deve ele modestamente recorrer à dos outros, de acordo com estes dois adágios: quatro olhos vêem mais do que dois e - ninguém é bom juiz em causa própria. Desse ponto de vista é que **são de grande utilidade para o médium as reuniões, desde que se mostre bastante sensato para ouvir as opiniões que se lhe dêem, porque ali se encontrarão pessoas mais esclarecidas do que ele e que apanharão os matizes, muitas vezes delicados, por onde trai o Espírito a sua inferioridade.** (grifos nossos) (KARDEC, 2005, p. 425)

No capítulo “Ante o serviço”, do livro *Nos Domínios da Mediunidade*, André Luiz afirma que, em reuniões públicas, estuda-se para favorecer os encarnados e desencarnados e os médiuns em busca de equilíbrio:

são almas em turvação mental, que acompanham parentes, amigos ou desafetos às reuniões públicas da Instituição, e que se desligam deles quando os encarnados se deixam renovar pelas idéias salvadoras, expressas nas palavras dos que veiculam o ensinamento doutrinário. (XAVIER, 1985 p.38)

5. COMO ESTUDAR?

Para a nossa vanguarda de obreiros decididos e valorosos passou a fase de experimentação fútil, de investigações desordenadas, de raciocínios periféricos. Vivemos a estruturação

de sentimentos novos, argamassando as colunas do mundo vindouro, com a luz acesa em nosso campo íntimo. (XAVIER, 2002, p. 32.)

O capítulo III, da parte 1ª, de *O livro dos médiuns* é de suma importância para que possamos entender o que o Codificador pensava sobre o ensino espírita. De acordo com Allan Kardec, o Espiritismo é uma ciência e uma filosofia. Se alguém deseja seriamente conhecê-lo, precisa estar disposto a realizar um estudo sério, persuadindo-se de que ele, como nenhuma outra ciência, pode ser realizada de maneira infantil, pois tem imenso campo, e o que principalmente convém é encará-lo pelas suas consequências. Ainda que a doutrina tenha, por base, a crença nos Espíritos, tal crença não é suficiente para tornar alguém um espírita esclarecido, como a crença em Deus não garante a uma pessoa se tornar um teólogo. Kardec investe mais nessa orientação, ao assinalar que os adeptos não devem espantar-se com a palavra “ensino”. Para ele, o ensino não se restringe às matérias dadas do púlpito ou da tribuna, mas também consiste em simples conversação, pois se constitui ensino a ação de todo aquele que objetiva persuadir a outro, ou por meio de explicações, ou por meio de experiências.

Em *Seara dos médiuns*, Emmanuel, por sua vez, ratifica a necessidade de ensino, ao afirmar que, no serviço de educação, o único móvel a inspirá-lo é

o de encarecer o impositivo crescente do estudo sistematizado da obra de Allan Kardec - construção basilar da Doutrina Espírita, a que o Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo oferece cobertura perfeita -, **a fim de que mantenhamos o ensinamento espírita indene da superstição e do fanatismo que aparecem, fatalmente, em todas as fecundações de exotismo e fantasia.** (grifos nossos) (XAVIER, 1983, p.12)

O interesse do benfeitor espiritual está centrado no estudo sistematizado da Codificação Espírita. Essa prerrogativa já fora sinalizada por Kardec na introdução de *O livro dos Espíritos*, item VIII, ao refletir:

acrescentemos que o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. [...] **O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá.** (grifos nossos) (KARDEC, 2005, p.38)

No sentido de garantir a seriedade dos estudos sistematizados com a continuidade que lhe é necessário, Kardec conclui, em *Obras Póstumas*, ao tratar o Projeto de 1868:

um curso regular de Espiritismo seria professado com o objetivo de desenvolver os princípios da ciência e de propagar o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a **unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos capazes de difundir as ideias espíritas, e desenvolver um grande número de médiuns**. Eu olho esse curso como podendo exercer uma influência capital sobre o futuro do Espiritismo, e sobre as suas consequências. (grifos nossos) (KARDEC, 2005, p.342)

Portanto, o estudo da Doutrina Espírita, em particular o da mediunidade, deve ser sério, perseverante, contínuo, com assiduidade, recolhimento e meditação, com o objetivo de nos tornarmos verdadeiros espíritas, espíritas cristãos.

Um modo produtivo de estudarmos pode ser exemplificado com base no relato de Alcione, no livro *Renúncia*. Segundo a jovem, nas reuniões familiares, Padre Damiano já chamava a atenção do povo para “o sistema de estudo e de exegese”, por ele utilizado. O sistema consistia em ler apenas um versículo de cada vez

e esse mesmo, não raro, fornecia cabedal de exame e iluminação para outras noites de estudo. Chegamos à conclusão de que o Evangelho, em sua expressão total, é um vasto caminho ascensional, cujo fim não poderemos atingir, legitimamente, sem conhecimento e aplicação de todos os detalhes. Muitos estudiosos presumem haver alcançado o termo da lição do Mestre, com uma simples leitura vagamente raciocinada. Isso, contudo, é erro grave. (XAVIER,1999, p.193-194)

Assim sendo, não podemos esquecer, na abordagem de “como estudar”, que a leitura constitui-se como uma atividade de mobilização de nossa mente, pois nos possibilita incorporar ideias, o que nos enseja a repercussão de princípios que nos colocam em sintonia com a proposta do Evangelho. Já que estamos abordando a necessidade do estudo para os lidadores da mediunidade, lembremos uma recomendação de Bezerra de Menezes, no livro *Dramas da obsessão*:

uma leitura edificante, que retempere ou enobreça a mente, pensamentos altruísticos e beneficentes em favor do próximo ou de si mesmo poderão repercutir nos fluidos

cósmicos, encaminhando-se para os altos círculos do Bem, e daí carrear para o coração que assim procede, como para aqueles que lhe ficam ao pé, consideráveis estímulos para o melhor, tal como o faria a prece propriamente dita. (PEREIRA, 1964, p.168)

Tal orientação aponta para a leitura como uma metodologia de estudo que viabilize a manutenção de nosso padrão de vigilância. Uma leitura edificante assim como pensamentos altruísticos poderão repercutir nos fluidos cósmicos. Na operação de repercussão e interdependência, o teor de nossas leituras pode mobilizar a mente para a projeção de valores superiores que podem encaminhar-se, por sua vez, para os altos círculos do Bem: *e daí carrear para o coração que assim procede, como para aqueles que lhe ficam ao pé, consideráveis estímulos para o melhor, tal como o faria a prece propriamente dita.* (PEREIRA, 1964, p. 168)

O trecho do Evangelho de Lucas, no capítulo 4, versículo 16, será esclarecedor no que diz respeito ao hábito de ler para todos nós médiuns, ostensivos ou não. Narra o evangelista que Jesus, *chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler.* Ressaltemos, na passagem, a atitude de Jesus ao “levantar-se para ler” as escrituras, a fim relacionarmos o ensinamento nele contido com o esforço que precisamos envidar para a repercussão dos valores superiores em nosso campo mental. “Levantar” significa erguer, desenvolver, sublimar. Com base nos sentidos do verbo, o ato de levantar para ler sinaliza que precisamos erguer-nos a mente quando investimos no ato de ler, como processo de estudo e análise. Nesse sentido, vejamos o comentário de Emmanuel, no livro *Harmonização*, no capítulo 10, acerca da passagem evangélica:

Se houve alguém na terra com bastante iluminação para prescindir do auxílio de livros edificantes, esse alguém foi Jesus; entretanto, o Cristo leu, segundo a notícia dos Evangelhos. (...) Jesus se levantou para a leitura dos Escritos Sagrados. (...) Seu exemplo, todavia, convida-nos a expressões muito mais altas. É indispensável que recebamos as páginas edificantes, de coração e mente levantados ao Altíssimo. (...) Relaciona o Evangelho de Lucas que, chegando o Mestre a Nazaré, onde se demorara a maior parte de tempo, na Sua passagem pela terra, entrou na assembleia dos que se dedicavam ao estudo da revelação, consoante seu costume, e levantou-se para ler. Todo aprendiz tem sua Nazaré, sua zona de atividade rotineira. (XAVIER, 1990, p. 54 a 59)

6. PARA QUE ESTUDAR?

Brilhe vossa luz... (Mateus, 5:16)

A fim de responder à indagação que intitula esta seção, podemos dizer que é para exercer a mediunidade com Jesus. A assertiva é simples. Porém, vamos examinar o significado de três palavras, a saber: “médiuns, “com” e “Jesus”.

Vamos retomar aqui uma definição de médiuns, que Emmanuel nos apresentou no início de seu programa de divulgação doutrinária, no livro *Emmanuel*. Segundo o nosso benfeitor espiritual, médiuns *são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas, e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso* (XAVIER, 1981, p. 66).

Jesus é o guia. É o modelo com base no qual o campo de nossa consciência desperta pode operar, na faixa evolutiva de seu conhecimento adquirido, colocando *os valores mediúnicos a serviço da Religião Cósmica do Amor e da Sabedoria* (XAVIER, 1988, p. 187).

Já a partícula “com” implica a ideia de união, acordo, companhia. O exercício da mediunidade se qualifica com a expressão “com Jesus”. Então, estudar constitui um meio de nos aproximarmos da companhia de Jesus, mesmo sendo criaturas, “de passado obscuro e delituoso”. Estudar para educar o campo de nossa mente, o que não pode ser admitido como mero aviso de essência mística. Segundo Emmanuel, para brilhar o espelho de nossa alma, é imprescritível a necessidade de educação, uma vez que o nosso campo mental é um espelho que projeta e recebe raios, produzidos pela força eletromagnética do pensamento. Assim, na intimidade do Espírito, temos os raios mentais condicionando os elementos em que a vida se expressa, através de ondas sutis, em circuitos de ação e reação no tempo.

Estudar é necessário para educar-nos as emoções, ideias, atitudes, palavras e ações e, conseqüentemente, ajuizar se estamos refletindo ou não as ideias demonstradas e exemplificadas por Jesus, nosso guia e modelo. Ao estudarmos a Doutrina Espírita, torna-se factível ajuizar sobre nós mesmos, ou seja, torna-se factível ponderar o valor de nossas ações. Com base no Evangelho, estudar é um recurso para, nos círculos do serviço, o Espírito, encarnado ou não, ajuizar se a atitude assumida honrar-lhe-á ou desonrar-lhe-á a personalidade eterna, perante as leis naturais. Com isso, podemos “estar de atalaia”, isto é, em que medida nossa experiência em termos de atitude, palavra e ação alcança ou não o campo de influência de Jesus Cristo, pois quanto mais o aprendiz lhe alcança a esfera de influência, mais habilitado estará para constituir-se em seu instrumento fiel e

justo, conforme nos ensina Emmanuel, no livro *Pão Nosso* (XAVIER, 2005, p. 93-94).

Emmanuel, na obra *Renúncia*, esclarece que a mensagem do Cristo precisa ser conhecida, medi-tada, sentida e vivida. Nesse sentido, a informação não é suficiente para exercitarmos a mediunidade com Jesus, pois *um preceptor do mundo nos ensinará a ler; o Mestre, porém, nos ensina a proceder, tornando-se-nos, portanto, indispensável a cada passo da existência* (XAVIER, 1999, p.331-334).

Assim sendo, é preciso ajuizar se nossos esforços de estudo e de experimentação se restringem a Espiritismo prático, junto dos nossos irmãos. Aqui é necessário trazer à baila a experiência de Monteiro, no livro *Os mensageiros*. Na última reencarnação, ele foi doutrinador que, fascinado com o comércio com o invisível, se distraiu completamente quanto à essência moral da doutrina. Possuía mais raciocínio na cabeça que sentimentos no coração, prevalecendo-lhe o “vício intelectual”. Monteiro se dedicou mais ao Espiritismo prático, porém nunca se interessou pela verdadeira prática do Espiritismo, junto de Jesus. (XAVIER, 1988, p.16). Faz-se necessário lembrar, mais uma vez, Emmanuel, quando, no capítulo Fenômeno e Doutrina, do livro *Mediunidade e sintonia*, afirma o seguinte:

fenômenos mediúnicos serão sempre motivos de experimentação e de estudo, tanto favorecendo a convicção, quanto nutrindo a polêmica, mas educação evangélica e exemplo em serviço, definição e atitude, são forças morais irremovíveis da orientação e da lógica, que resistem à dúvida em qualquer parte. (XAVIER, 1986, p. 06)

Ao nos dedicarmos ao experimento e ao estudo, tal orientação é vital, pois o cerne do desafio é estudar para que nos levantemos do passado e penetremos a luta edificante de cada dia. No trabalho sincero da cooperação fraternal, receberemos de Jesus a instrução, com base no esclarecimento acerca do que nos é conveniente fazer. Consequentemente, aplicaremos o estudo para ajuizar se as nossas emoções, ideias, atitudes, palavras e ações refletem as ideias e os exemplos do Cristo. Assim, ajuizaremos, como médiuns, se vivenciamos a mediunidade com Jesus.

No que tange às questões relativas à mediunidade com Jesus, concluiremos, lembrando as orientações de André Luiz, no livro *Missionários da luz*:

O Espiritismo cristão é a revivescência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo, e a mediunidade constitui um de seus fundamentos vivos. A mediunidade, porém, não é exclusiva dos chamados «médiuns». Todas as criaturas a possuem, porquanto significa percepção espiritual, que deve ser incentivada em nós mesmos. Não bastará, entretanto,

perceber. É imprescindível santificar essa faculdade, convertendo-a no ministério ativo do bem. (XAVIER, 1984, p.32)

CONCLUSÃO

Esses pontos traçados tiveram como objetivo clarear o caminho que devemos trilhar se buscamos a “mediunidade com Jesus”, que é a ponte de nossa redenção. No capítulo Fenômeno mediúnico, do livro *Religião dos Espíritos* Emmanuel afirma: “em sua luminosa passagem, o fenômeno mediúnico, por toda parte, é intimado à redenção da consciência.” (XAVIER, 1985, p. 149).

A contribuição da Doutrina Espírita está no grau superior de interpretação transcendente a que foi elevada a mediunidade. Ela aponta *o melhor caminho a seguir para que a sua prática se torne em missão definida, fazendo do médium uma alma renovada para si mesmo, para o próximo e para Deus* (PEREIRA, 1997, p.66). Nessa direção, André Luiz nos aponta, no capítulo Mediunidade, do livro *No mundo maior*:

para ser instrumento relativamente exato, é-lhe imprescindível haver aprendido **a ceder**, e nem todos os artífices da oficina mediúnica realizam, a breve trecho, **tal aquisição, que reclama devoção à felicidade do próximo, elevada compreensão do bem coletivo, avançado espírito de concurso fraterno e de serena superioridade nos atritos com a opinião alheia.** (grifos nossos) (XAVIER, 2002, p.126)

Entendemos, assim sendo, a necessidade imprescindível e imprescritível do estudo sério, metódico, sistematizado, seguro, contínuo. Com isso, o espelho de nossa alma poderá, nos fundamentos de cada dia, operar a *repercussão das ideias e dos exemplos retratados no Evangelho, o espelho cristalino em que o Mestre se reproduz, por divina reflexão, orientando a conduta humana para a construção do Reino de Deus entre as criaturas*, conforme nos ensina o livro *Pensamento e vida* (Xavier, 2009, p.23).

MENSAGEM FINAL

Já não sou eu quem vive, mas Cristo que vive em mim.
Gálatas, 2:20

DECÁLOGO PARA MÉDIUNS

1 - Rende culto ao dever.

Não há fé construtiva onde falta respeito ao cumprimento das próprias obrigações.

2 - Trabalha espontaneamente.

A mediunidade é um arado divino que o óxido da preguiça enferruja e destrói.

3 - Não te creias maior ou menor.

Como as árvores frutíferas, espalhadas no solo, cada talento mediúnico tem a sua utilidade e a sua expressão.

4 - Não esperes recompensas no mundo.

As dádivas do Senhor, como sejam os fulgores das estrelas e a carícia da fonte, o lume da prece e a benção da coragem, não têm preço na Terra.

5 - Não centralizes a ação.

Todos os companheiros são chamados a cooperar, no conjunto das boas obras, a fim de que se elejam á posição de escolhidos para tarefas mais altas.

6 - Não te encarceres na dúvida.

Todo bem, muito antes de externar-se por intermédio desse ou daquele intérprete da verdade, procede, originariamente de Deus.

7 - Estuda sempre.

A luz do conhecimento armar-te-á o espírito contra as armadilhas da ignorância.

8 - Não te irrites.

Cultivam a caridade e a brandura, a compreensão e a tolerância, porque os mensageiros do amor encontram dificuldade enorme para se exprimirem com segurança através de um coração conservado em vinagre.

9 - Desculpa incessantemente.

O ácido da crítica não te piora a realidade, a praga do elogio não te altera o modo justo de ser, e, ainda mesmo que te categorizem a conta de mistificador ou embusteiro, esquece a ofensa com que te espanquem o rosto, e, guardando o tesouro da consciência limpa, segue adiante, na certeza de que cada criatura percebe a vida do ponto de vista em que se coloca.

10 - Não temas perseguidores.

Lembra-te da humildade do Cristo e recorda que, ainda Ele, anjo em forma de homem, estava cercado de adversários gratuitos e de verdugos cruéis, quando escreveu na cruz, com suor e lágrimas, o divino poema da eterna ressurreição.

Livro: “O Espírito da Verdade”- Psicografia Francisco C. Xavier e Waldo Vieira-
Espíritos Diversos .

Referências bibliográficas

Federação Espírita Brasileira. Organização e Funcionamento das Reuniões Mediúnicas. Brasília, 2008. No prelo.

FRANCO, Divaldo P. *Intercâmbio mediúnico*. Pelo Espírito João Cléofas. 2ª ed. Salvador: Livraria Espírita Alvorada, 1985. p. 9-23.

____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. Trad. de Guillon Ribeiro, 84ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982, p.133 a 138.

____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida. Trad. de Guillon Ribeiro, 84ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982, p. 316.

____*O livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 86ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução - item XIV . p.50.

____*O livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 86ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução - item VIII. p. 38.

____*O livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 86ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução - item XVII. p. 58

____*O livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 86ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Conclusão. p. 133-138.

____*O livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 86ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Conclusão - item VI. p. 544.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns, ou Guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental*. Trad. de Guillon Ribeiro. 75ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução. p. 13, 16.

____. *O livro dos médiuns, ou Guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental*. Trad. de Guillon Ribeiro. 75ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. II - Do maravilhoso e do sobrenatural - item 14. p.33

____. *O Evangelho segundo o Espiritismo: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida*. Trad. de Guillon Ribeiro, 84ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982, p.133 a 138.

____. *O Evangelho segundo o Espiritismo: com explicações das máximas morais do Cristo em concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas circunstâncias da vida*. Trad. de Guillon Ribeiro, 84ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982, p. 316.

____ *O livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 86ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução - item XIV. p.50.

____ *O livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 86ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução - item VIII. p. 38.

____ *O livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 86ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Introdução – item XVII. p. 58

____ *O livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 86ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Conclusão. p. 133-138.

___ *O livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 86ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Conclusão - item VI. p. 544.

KARDEC, André. *O livro dos médiuns, ou Guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental*. Trad. de Guillon Ribeiro. 75ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XX - Da influência moral do médium - itens 6 e 7. p. 270.

___ *O livro dos médiuns, ou Guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental*. Trad. de Guillon Ribeiro. 75ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XX - Da influência moral do médium - item 226. p. 283 e 285

___ *O livro dos médiuns, ou Guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental*. Trad. de Guillon Ribeiro. 75ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XX - Da influência moral do médium - item 227. p. 287.

___ *O livro dos médiuns, ou Guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental*. Trad. de Guillon Ribeiro. 75ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XXIX - Das reuniões e das sociedades espíritas - item 327. p.423

___ *O livro dos médiuns, ou Guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental*. Trad. de Guillon Ribeiro. 75ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XX - Da influência moral do médium - item 266 - 2ª.parte. p. 323-333.

___ *O livro dos médiuns, ou Guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental*. Trad. de Guillon Ribeiro. 75ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XVII - Das contradições e das mistificações - item 211. p.254.

____. *O livro dos médiuns, ou Guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental*. Trad. de Guillon Ribeiro. 75ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XX - Da influência moral do médium - item 226. p.284.

____. *O livro dos médiuns, ou Guia dos médiuns e dos evocadores: Espiritismo experimental*. Trad. de Guillon Ribeiro. 75ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XXIX - Da influência moral do médium - item 329. p. 425

KARDEC. Allan. *Obras Póstumas*. Trad. de Guillon Ribeiro. 37ª. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Projeto 1868. p. 342.

____. *Revista Espírita* (julho de 1861). Brasília: EDICEL, 1965.

MIRANDA. Hermínio C. *Sobrevivência e comunicabilidade dos Espíritos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1975. p. 11-18.

PERALVA, Martins. *Estudando a Mediunidade: segundo a obra Nos domínios da mediunidade* de Francisco Cândido Xavier. 24ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. p. 57.

____ *Mediunidade e evolução*. 5ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987, p. 17, 34, 17, 51-58.

PEREIRA, Yvonne A. Pelos Espíritos guias da médium. *Devassando o invisível*. 12ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001. p. 278.

____ *Dramas da obsessão*. Pelo Espírito Bezerra de Menezes. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1964. Capítulo 04. p. 168.

____ *À Luz do Consolador*. 1ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997. p. 66.

XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Conduta Espírita*. Pelo Espírito André Luiz. 29ª ed. Rio de Janeiro: FEB., 2005. p. 137.

____. *Desobsessão*. Pelo Espírito André Luiz- 5ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981.

____. *O Espírito da Verdade*. Pelo Espírito André Luiz. 14ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. p. 22-24.

____. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 14ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1985. p. 38.

____. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1988. p.16.

XAVIER, Francisco Cândido.. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 12ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1991. p. 129-130.

____. *Missionários da luz*. Pelo Espírito André Luiz. 20ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987. p. 11; 32.

____ *No mundo maior*. Pelo espírito André Luiz. 22ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 32, 126.

____ *No mundo maior*. Pelo espírito André Luiz. 22ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 126.

____. *Estude e Viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 1ª ed. 1965Rio de Janeiro: FEB. p.159.

____. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 5ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Entra e coopera. p. 93-94.

____ *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 9ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 1982. p. 205, 215, 218.

____. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 9ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981.p. 66.

____. *Harmonização*. Pelo Espírito Emmanuel. 1990. 1ª. ed .Capítulo 10 - “Livros”. p.13.

____. *Mediunidade e sintonia*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro. FEB, 1986.

p. 6.

____. *Pão Nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1ª ed. Especial. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Segundo a carne. p. 169-170.

____. *Paulo e Estevão* - Pelo Espírito Emmanuel. 4ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 1983. p. 248.

XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. O espelho da alma. p. 9-10.

____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Vontade. p.13-14.

____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Instrução. p. 21-24.

____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Educação. p.. 25-28.

____. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 18ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2009. Auxílio. p. 97-99.

____*Religião dos Espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 6.ed. Rio de Janeiro.FEB,1985. Fenômeno Mediúnico p. 149-150.

____. *Renúncia*. Pelo Espírito Emmanuel. 25ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. p. 193-194.

____. *Renúncia*. Pelo Espírito Emmanuel. 25ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. p. 331-334.

____. *Seara dos médiuns* – Pelo Espírito Emmanuel. 4ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 1983. *Seara dos médiuns*. p. 11-12.

____. *Seara dos médiuns* – Pelo Espírito Emmanuel. 4ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 1983. *Mediunidade e Trabalho*. p. 229 e 230

____. *Seara dos médiuns* – Pelo Espírito Emmanuel. 4ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 1983. *Obsessão e Jesus*. p. 59-61.

____. *Seara dos médiuns* – Pelo Espírito Emmanuel. 4ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 1983. *Formação mediúnica*. p. 131-132.

XAVIER, Francisco Cândido. *Seara dos médiuns* – Pelo Espírito Emmanuel. 4ª ed. Rio de Janeiro. FEB, 1983. *Discernimento*. p. 173-174.

União Espírita Mineira. *O Espírita Mineiro*. Belo Horizonte, março- abril, 2009.



União Espírita Mineira
www.uemmg.org.br